

Récem-chegados ao paraíso

As conseqüências econômicas positivas – sim, muito positivas – do processo de avanços sociais nos últimos anos estão visíveis para todos. Estudos da FGV e do IPEA desta semana trazem mais uma comprovação deste fato. Tivemos um aumento da classe média (de 44,10% da população total em 2002 para 51,89% em 2007) e três milhões de brasileiros deixaram a pobreza nesse período. A soma dessa equação é mais consumo e um consumo mais sofisticado. Resta saber quais serão, no curto e no longo prazo, os efeitos deste fantástico avanço em direção a uma sociedade menos pobre e mais igualitária na política. O fenômeno mais comentado desses estudos foi o da prevalência, pela primeira vez na história deste país, da classe média sobre as demais classes de renda. Ela deixou de ser apenas a maior – é também majoritária.

Essa classe, tida na velha contabilidade político-eleitoral daqui e de outros mares como uma maioria silenciosa, decidiria sempre as eleições. Espremidos entre os pobres e os ricos, ambos com suas nuances, os medianos seriam o fator decisivo – para o lado que pendessem, penderia a maioria. Foi o que sempre se entendeu. Nunca houve candidato que não a cortejasse. No Brasil, o melhor exemplo de sua posição vital, segundo muitas interpretações, pode ser tirado da ascensão do PT e, principalmente, do presidente Lula. Eles só teriam conseguido chegar ao poder depois de terem vencido, em 2002, o preconceito e o medo declarado da classe média aos projetos petistas e ao operário não devidamente escolarizado.

Outro exemplo: no mesmo governo Lula, quando a popularidade do presidente em algumas ocasiões começou a baixar, o Palácio do Planalto desesperou-se na busca de medidas para conquistá-la. Uma das poucas mudanças tributárias positivas registradas nos últimos tempos (correção do Imposto de Renda na fonte para as pessoas físicas) teve este viés. Agora, sozinha, ela estaria pronta e acabada para fazer o seu próprio jogo, alguns acreditam. Será?

Ora, por mais respeito que algumas interpretações sociológico-eleitorais mereçam, há inúmeros estudos comprovando que é uma brutal ilusão atribuir um comportamento de manada ao amplo contingente da classe média. Aliás, o mesmo se pode dizer do mundo dos remediados e dos pobres. São as contingências do momento, especialmente as de ordem econômica, que determinam a opção eleitoral.

Isso é tanto mais válido quanto mais baixo for

● **Em 2002, o PT venceu o medo da classe média e chegou ao poder. Com os escândalos, perdeu muitos votos, mas conseguiu criar uma nova classe média. Esse eleitor ainda pensa mais com o bolso do que com a cabeça.**
Por José Márcio Mendonça

o estrato econômico do eleitor e do seu entorno. As classes mais bem aquinhoadas recebem e podem deixar se levar por outros *inputs*, não se dá o mesmo no mundo dos assalariados de menor renda e dos que nem renda fixa têm.

O aumento da classe média poderia, assim, trazer um eleitorado mais crítico, menos afeito aos apelos mais popularescos. Mais exigente, enfim. A longo prazo, a continuar esta evolução positiva, é isto mesmo que deverá acontecer – os populistas e outros assemelhados naturalmente perderão parte do discurso e do espaço eleitoral. Mas no curto prazo, sob esse ponto de vista, pouco ou nada mudará. O que estamos assistindo é uma ascensão econômica, de renda, de partes da classe D para a classe C, em seus últimos sub-estratos. Começam a ser satisfeitos alguns de seus desejos para além do grau de sobrevivência, porém perto ainda do básico. São o carrinho à prestação, novos eletrodomésticos, avanços na casa própria. O econômico ainda é sua maior preocupação, não há ainda alguma *sobra* para outras necessidades que a própria ascensão social cria. Seu voto ainda será, agora, como em 2010, com o bolso mais do que com a cabeça.

Além do mais, essa *nova classe média*, como alguns já estão chamando, chegou há pouco tempo ao *paraíso*. Ainda não incorporou nem os vícios nem as virtudes do seu novo status e demorará ainda um tempo razoavelmente longo para incorporá-los. Em matéria de informação, de formação. Sua cabeça ainda está no espaço anterior e é com os conceitos – e preconceitos – anteriores que fará seus próximos julgamentos eleitorais. É *Classe C* economicamente e *Classe D* politicamente. Sem desdouro. Em tais circunstâncias, mantidas as atuais condições de temperatura e pressão, é um eleitor que tende a apoiar quem Lula determinar.